

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

17 e 19 de Outubro de 2020

A DOLL'S HOUSE / 1972

A CASA DA BONECA

um filme de JOSEPH LOSEY

Realização: Joseph Losey *Argumento:* David Mercer a partir da peça homónima de Henrik Ibsen (*Et dukkehjem / Casa da Boneca*, 1879) *Fotografia* (35 mm, Eastmancolor): Gerry Fischer *Montagem:* Reginald Beck *Música:* Michel Legrand *Direcção artística:* Eileen Diss *Guarda-roupa:* John Furniss *Caracterização:* Bob Lawrence, Eileen Warwick *Interpretação:* Jane Fonda (Nora), Edward Fox (Krogstad), Trevor Howard (Dr. Rank), Delphine Seyrig (Kristine), David Warner (Torvald Helmer), Pierre Oudrey (Olssen), Anna Wing (Anne-Marie), Freda Krogh (a criada dos Helmer), Morten Floor (Bob), Tone Floor (Emmy), Dagfinn Hertzberg (o filho de Krogstad), Ellen Holm (a filha de Krogstad), Frode Lien (Ivar), Ingrid Natrud (a criada do Dr. Rank), a população de Roros.

Produção: World Film Services, Les Films de la Boétie (Reino Unido, França, 1972) *Produtor:* Joseph Losey *Cópia:* ficheiro digital, cor, falada em francês e inglês e legendada electronicamente em português, 106 minutos *Estreia:* 17 de Maio de 1973, no Festival Internacional de Cinema de Cannes (França); 1973, no Festival de Cinema de Nova Iorque (EUA) *Estreia comercial em Portugal:* 17 de Agosto de 1973, no cinema Londres (Lisboa) *Primeira exibição na Cinemateca.*

Quando a projecção começa, não sabemos que estamos na Noruega do século XIX se não soubermos ao que vamos. Mas sabemos que é Inverno e faz frio. Abre tudo a branco, a imagem parece pictórica e fixa mas logo percebemos os sons ambiente, uma sineta, e logo a imagem se põe em movimento. O travelling lateral sobre a paisagem nevada descobre silhuetas deslizantes no gelo, cavalos que a atravessam puxando trenós ou carruagens, a casinha de madeira de grandes vidraças de que a imagem se aproxima em zoom. Os vultos e a casa ganham cor, ou assim parece. A figura de um homem que será uma personagem decisiva marca presença à esquerda do enquadramento. A música já invadiu a banda sonora. No segundo plano, entramos a deslizar com as duas mulheres, jovens e sorridentes que aterram nos degraus da casa de madeira, “É como se voássemos!” São Jane Fonda e Delphine Seyrig, Nora e Kristine. Não tardaremos a descobri-lo na cena interior na casa de chá em que tomam chocolate quente e se despedem entre sorrisos e abraços, a câmara rodopiante com a rodopiante Nora, mais pausada com a mais pausada Kristine.

São duas despedidas, em começo de filme: a das duas amigas, à beira do casamento de Nora com Torvald; depois da partida alvoraçada desta, com a entrada em cena da personagem de Edward Fox no mesmo cenário, a de Kristine e Krogstad, por conveniência de Kristine que não pode casar-se por amor, como Nora, escolhendo a conveniência. O prólogo vai estender-se às sequências seguintes, com Nora casada e mãe, a mesma vivacidade galante mas já um segredo, que a leva a maquinar uma viagem a Itália a bem da saúde do marido no santo desconhecimento deste que, ao invés e com a ajuda de um médico amigo da família, crê estar a conceder a satisfação de um capricho à ligeiramente estouvada mulher. Anos mais tarde, em véspera de Natal, Nora é mãe de três filhos, continua jovialmente irrequieta. Torvald vai iniciar um trabalho no banco local onde Krogstad, advogado de formação como ele, é um modesto funcionário. Kristine está de regresso à pequena cidade. A acção vai concentrar-se na precipitação dos acontecimentos que enredam as quatro personagens, e ainda a do observador platonicamente enamorado por Nora, o Dr. Rank interpretado por Trevor Howard que no final, em estado etílico, acabará por verbalizar o papel de mascote da casa do marido que ela desempenha, contribuindo para a consciência que dita o desfecho favorecido pela actuação de Kristine. Será depois do baile de máscaras e da tarantela de Nora.

A versão filmada por Joseph Losey da conhecida peça de Ibsen, a partir de um argumento do dramaturgo britânico David Mercer não é a mais canónica das adaptações ao cinema de *Casa da Boneca* ou *Casa de Bonecas*. Infinitamente menos que as encenações teatrais desde a levada a cena inaugural no palco do Teatro Real de Copenhaga em Dezembro de 1879, são múltiplas as versões cinematográficas. Entre as primeiras de que há registo contam-se as de Maurice Tourneur para a Famous Players-Lasky em 1918, a de Charles Bryant em 1922 para a United Artists, ou a alemã de 1923, realizada por Berthold Viertel, com Elsie Ferguson, Alla Nazimov e Olga Chekhova no papel de Nora. Em 1973, estrearam duas: as de Joseph Losey e Patrick Garland, em que Nora foi respectivamente interpretada por Jane Fonda e Claire Bloom. O filme de Losey foi remetido à distribuição televisiva nos Estados Unidos após a estreia nos festivais de Cannes e Nova Iorque, tendo-se mais ou menos eclipsado depois disso. Posterior ao “ciclo Harold Pinter” (THE SERVANT, ACCIDENT, THE GO-BETWEEN) não consta dos filmes mais estimados de Losey, que continua algo subestimado como cineasta de várias fases e muito filmes.

A adaptação de Mercer e Losey extravasa a concentração temporal e o cenário único da casa da peça em três actos de Ibsen que cedo polemizou celebrizando-se mundialmente ao questionar as convenções sociais de finais do século XIX, em particular as do casamento. Ibsen concebeu-a como uma “tragédia moderna”, consciente de que “na sociedade moderna [exclusivamente masculina] uma mulher não pode ser ela própria”. Entregando os papéis de Nora e Kristine a Fonda e Seyrig, Losey sublinhou a rima contemporânea com os anos 70 feministas em que uma e outra se destacaram no discurso e no terreno, e se encontraram no combate da causa no campo artístico (SOIS BELLE ET TAIS-TOI! FEMMES AU VIETNAM). Na época, o que agora pode ser visto como um trunfo foi motivo generalizado de críticas, sendo raras as que notaram a boa prestação de Jane Fonda no papel protagonista. Não poupando o filme pelos acrescentos à peça, Nora Sayre assina uma das excepções em 1978 no *The New York Times*, exaltando a prestação de Jane:

“Seria lícito perguntar se [Jane Fonda] conseguia personificar alguém do passado; a sua voz, inflexões e maneiras de se mexer sempre pareceram absolutamente contemporâneas. Mas ela volta a provar ser uma das nossas melhores atrizes, e está à vontade nos anos 1870, é tanto uma criatura desse tempo como do nosso. A dançar ou a rir ou a inquietar-se, a comer macaroons, a patinar ou a sofrer, Miss Fonda traz variedade emocional ao papel – encontramos aqui a jovialidade vibrante e a energia exigidas pelo papel. Consegue ainda ser inocente sem parecer estúpida ou tonta [...]” Subscrovo. E acrescento que é com as personagens de Nora e Kristine que ficamos no fim do filme, por pouco pacífico que tenha sido para Fonda e Seyrig interpretá-las sob a direcção de Losey. Há relatos da tensão da rodagem, em que se desentenderam na interpretação que faziam das personagens. Fonda e Seyrig queriam-nas mais próximas da leitura radical que faziam da peça de Ibsen nos termos emancipadores das personagens.

O ambiente de filme de época nórdico é caloroso, como a fotografia de Gerry Fischer, colaborador de Losey em vários filmes desde ACCIDENT (1966, também o primeiro filme de Seyrig com Losey), aquele em que se iniciou como director de fotografia, no princípio de uma longa filmografia marcada pela colaboração com Losey (ACCIDENT, SECRET CEREMONY, THE GO-BETWEEN, A DOLL’S HOUSE, THE ROMANTIC ENGLISH, THE ROMANTIC ENGLISH, MR. KLEIN, LES ROUTES DU SUD, DON GIOVANNI) mas também Sidney Lumet, Tony Richardson, Richard Fleischer, Billy Wilder, John Huston ou John Frankenheimer. Na banda sonora, a música de Michel Legrand pauta o ritmo. Talvez a elegância dos valores de produção funcione, ou tenha funcionado, a desfavor deste A DOLL’S HOUSE, mas é injusto não notar a sua boa vibração cinematográfica, construída em boa parte com as duas atrizes, entre os planos da pictórica paisagem invernia em abertura e remate.

Maria João Madeira